

## 23 VULNERABILIDADE DA ADOLESCENTE AO CÂNCER DE COLO UTERINO E INFECÇÃO PELO HPV: CONHECIMENTOS E ATITUDES NA PREVENÇÃO

Ferla Maria Simas Bastos Cirino; Lúcia Yasuko Izumi Nichiata; Ana Luiza Vilela Borges; Fernanda Raquel Rochel.

Universidade Paulista – UNIP

**Correspondência para:** ferlacirino@hotmail.com

A adolescência é caracterizada por uma fase de mudanças profundas no ciclo vital traduzindo mudanças biológicas, comportamentais e cognitivas. O Brasil tem 35,3 milhões de adolescentes, correspondendo a 21% da população nacional, dos quais 49,5% são adolescentes do sexo feminino. Existe uma tendência a enquadrá-los como estando sempre em situação de risco: risco de engravidar, de contrair DST, de usar drogas. O câncer de colo uterino é o segundo câncer mais comum entre mulheres no mundo. Anualmente, 470 mil novos casos são diagnosticados, ocorrendo 230 mil mortes por causas relacionadas. O HPV é o principal agente oncogênico, presente em 99,7% dos casos. É a neoplasia mais prevalente em mulheres com sexarca precoce e múltiplos parceiros sexuais, sendo o exame de papanicolaou utilizado para rastreamento desta neoplasia e de suas lesões precursoras. Embora a faixa etária mais acometida esteja entre 25 e 60 anos,

as adolescentes constituem uma população de alta vulnerabilidade. Diante das estatísticas e da importância epidemiológica desta doença, se faz necessário analisar o conhecimento e a atitude dessas adolescentes frente ao câncer de colo uterino e a infecção pelo HPV. Trata-se de estudo transversal realizado numa escola pública do município de São Paulo com 134 adolescentes de 14 e 19 anos. Observou-se atividade sexual em 64,9%, com média de idade da primeira relação de 14,8 anos. Grande parte das adolescentes não apresentou conhecimento adequado sobre a prevenção desta neoplasia. A adesão ao papanicolaou também se mostrou baixa, assim como foi baixa a adesão ao uso do preservativo nas relações sexuais, demonstrando a alta vulnerabilidade ao câncer de colo uterino e HPV nesta população. Foram detectadas 27,6% ocorrências de DST, sendo estas adolescentes as que apresentaram maior histórico de vulnerabilidade ao câncer e ao HPV. As estatísticas justificam a inserção da adolescente nos programas de detecção deste câncer. É preciso investir no desenvolvimento de práticas de promoção à saúde para modificar este quadro. Nesse sentido, é preciso que seja revista a educação sexual nas instituições de ensino para que essas ofereçam suporte educacional em saúde para estas jovens. Associar as campanhas de coleta de papanicolaou com atividades educativas com enfoque adequado a cada faixa etária e com linguagem direta e apropriada, quebrando mitos e desmistificando tabus.

**Palavras-chave:** adolescência; câncer de colo; HPV.

## 24 INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA PAIS-BEBÊ NUM HOSPITAL MATERNIDADE

Fernanda Codorniz.

Serviço de Psicologia do Hospital Leonor Mendes de Barros, São Paulo.

**Correspondência para:** fe.codorniz@uol.com.br

Do nascimento prematuro até a alta hospitalar, há uma longa jornada percorrida pelos pais e pelo bebê. O tempo de internação, muitas vezes, prolonga-se por mais de um mês. Neste caminho tortuoso, os ideais parentais são postos à prova. As boas vindas ao bebê não transcorrem da maneira idealizada pela nossa cultura. Não poder levar o bebê para casa desperta angústias, medos, sentimentos de culpa. O bebê real é diferente daquele que imaginavam, está numa incubadora, cercado por fios e aparelhos. O encontro entre pais e bebê é marcado por um estranhamento. Vivenciam um luto antecipatório. O bebê também está em choque diante deste desconhecido. Se na vida intrauterina sentia-se protegido, numa unidade neonatal é invadido por procedimentos necessários, porém, altamente estressantes. Temos assim um cenário preocupante, bebês prematuros e pais prematuros

que necessitam de cuidados urgentes. Há uma situação de risco iminente. Se a mãe não investe nesse filho, ele fica à mercê de transtornos somatopsíquicos. Cabe a nós um trabalho de intervenção precoce, atuando de forma preventiva na saúde mental da criança. Através de um trabalho de intervenção psicanalítica, possibilita-se um reinvestimento parental direcionado ao filho real. Após esse extenso percurso, tendo a equipe assegurado que a relação pais-bebê esteja mantida, chega o momento da alta. Temos assim uma mãe com seu filho nos braços, trazendo consigo uma bagagem marcada pelos percalços vividos. Quem é essa mãe? Quem é esse bebê? Dar continuidade à intervenção precoce no ambulatório de seguimento de prematuros, atendendo é de fundamental importância para a saúde física e psíquica da criança, possibilitando um desenvolvimento global mais pleno. Possibilitar um reconhecimento por parte dos pais das demandas reais dos filhos, sem interferências. Possibilitar que os pais expressem suas ansiedades, seus medos, para que possam organizar-se diante do filho, exercendo uma função parental de uma maneira mais integrada.

**Palavras-chave:** prematuridade; desenvolvimento; recém-nascido.